

Mistérios de Lisboa



O MYTHO é o nada que é tudo

Fernando Pessoa, Mensagem

Pesquisa de Maria Castro Velez

LENDAS DE LISBOA

Este texto tem por base o primeiro capítulo do trabalho já apresentado à Universidade Intergeracional Olisipo sobre “Mistérios de Lisboa”. Optou-se por lhe dar independência e desenvolvê-lo, por forma a torná-lo mais adequado ao formato de artigo, acrescentando ao mesmo tempo histórias e pormenores que podem ter interesse para quem se sente atraído pelo tema.

Ulisses

O MYTHO é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mytho brilhante e mudo -
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos creou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade.
E a fecundal-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada morre.

Fernando Pessoa, A Mensagem



fig. 1: Ulisses desafia os Ciclopes, gravura de C. Cousen, 1876

A primeira lenda de todas é, sem dúvida, o mito fundador da cidade: a lenda de Ulisses. Que tem várias versões. Mas todas elas nos dizem que Ulisses, chegando do mar, se estabeleceu aqui, porque se agradou logo das circunstâncias que encontrou: baías abrigadas, campos férteis, água, tempo ameno.

Uma das versões conta que Ulisses chegou a um reino chamado Ofiusa, Terra de Serpentes, governado por uma rainha, metade mulher, metade serpente, com um incrível poder de sedução e muito perigosa para quem quer que se aproximasse da costa.

Indiferente ao perigo, Ulisses, deslumbrado com as condições naturais que encontrou, jurou que aqui construiria uma grande cidade e lhe daria o seu nome, Ulisseia.

Apaixonada por ele, a rainha permitiu a construção, com uma condição: Ulisses ficaria para sempre a viver com ela. O herói fingiu que ficava, mas, assim que a cidade foi edificada, a sua tripulação ficou recuperada e as naus abastecidas, fez-se ao mar às escondidas da rainha.

Quando a rainha deu por isso, Ulisses já ia longe. Desesperada, ela precipitou-se em sua perseguição, serpenteando pela terra e formando assim as colinas de Lisboa.

Noutra versão Ulisses, depois de ultrapassar as colunas de Hércules, é empurrado para um golfo de mar entre os montes da lua e as colinas barbáricas. Seduzido pelo que o rodeava, levantou um templo em honra de Pallas Ateneia em Chelas e consagrou-lhe a fundação de Ulisseia. Como “fecundo em recursos” que era, conseguiu conquistar as boas graças do rei Górgoris e da sua filha Calipso, com quem se casou e de quem veio a ter três filhos. Um dia, com saudades de casa, resolveu partir. Calipso, desesperada, atirou-se ao Tejo com dois filhos e transformou-se na praia que ampara as rochas em que estes se tornaram. O outro filho ficou como rei da Lusitânia.

E assim por diante... Mas em parte alguma na Odisseia de Homero há referência à chegada de Ulisses às costas portuguesas nem à fundação de Lisboa... Parece que terão sido os próprios romanos a forjar este mito, assim como vários outros associados à cidade.

De acordo com Estrabão, Plínio e outros, a cidade estava na foz de um rio de abundante pescaria, rico em ouro de aluvião, o “Aurífer Tagus”, próximo de férteis lezírias onde corriam velozes cavalos, nascidos de éguas fecundadas pelo vento, à beira do mar Oceano, onde viviam tritões tocadores de búzios e Nereides de corpo coberto de escamas, seres míticos que os olisiponenses asseveravam ser reais.

Na realidade não se sabe ao certo quando Lisboa foi fundada. Com certeza muito antes da época do mítico Ulisses. Mas já era a Alis Ubbo fenícia, antes de ser a Olisipo romana, que deu lugar à Al-Ushbuna islâmica e mais tarde a Lisboa.



fig. 2 Reconstituição em 3D de Lisboa romana, fotograma tirado do documentário “Fundeadouro Romano em Olisipo”, de Raul Losada



fig. 3: Lisboa medieval, gravura

Martim Moniz



fig. 4: Castelo de São Jorge

É a história mais importante que nos chegou da conquista de Lisboa aos mouros. Mas parece que também é mito. Martim Moniz nunca se terá atravessado em qualquer porta do Castelo de S. Jorge. Os mouros ter-se-ão rendido e aberto os portões aos cristãos. E o acaso terá proporcionado a D. Afonso Henriques uma ajuda preciosa. O papa Eugénio III tinha proclamado a segunda cruzada, com o objectivo de reconquistar Edessa, no Médio Oriente. Uma tempestade terá obrigado a esquadra dos cruzados de várias nacionalidades que se dirigiam para a Terra Santa a fundear no Porto, com 13 mil homens a bordo, oportunidade que o rei aproveitou para os convencer a aliarem-se ao seu exército no cerco de Lisboa.

Há relatos do cerco e da conquista feitos pelos cruzados Osberno e Arnulfo. Osberno, supostamente padre e inglês, escreve em latim e enaltece o comportamento dos ingleses. Segundo ele, no seu “De expugnatione lyxbonensis”, o rei terá feito um acordo com os cruzados, para que, após a entrada na cidade, ficassem com o ouro, a prata e outros bens, mas respeitassem as vidas e os bens de primeira necessidade dos habitantes. Os próprios inimigos terão concordado com esta decisão. De acordo com o narrador, os ingleses respeitaram o acordo, mas os flamengos e colonienses, assim que se apanharam dentro dos muros, pilharam, violaram e mataram à vontade. Consta que neste ataque foi executado o bispo moçárabe da cidade.

Quanto a Martim Moniz, julga-se que existiu, mas a veracidade do episódio que teria possibilitado a conquista de Lisboa é posta em causa, nomeadamente por Alexandre Herculano, por não vir referido em nenhum relato conhecido. Mas foi dado o seu nome à porta do castelo onde a lenda diz que morreu trespassado pelas armas dos mouros, quando nela se

atravessou para possibilitar aos companheiros a entrada no castelo. Também tem o seu nome a praça que todos conhecemos.



*fig. 5: Baixo-relevo na estação de metro
Martim Moniz, de José João Brito*

Na porta, por baixo da cabeça de Martim Moniz, lê-se esta inscrição:

*ElRei Dõ Afonso Henriques mandou aqui colocar esta statua e cabeça de pedra em memória da gloriosa morte
que Dõ Marti Moniz progenitor da família dos Vasconcelos recebeu nesta porta quando, atravessando-se
nela, franqueou aos seus a entrada com que se ganhou aos Mouros esta cidade no anno de 1147*

*João Roiz de Vasconcelos e Sousa Conde de Castelmelhor seu decimoquarto neto por baronia fes aqui por esta
inscripção anno de 1646*



*fig. 6: A Porta do Moniz é uma das portas
do Castelo de S. Jorge, inserida na antiga
Cerca Moura*



*fig. 7: Cabeça de Martim Moniz, por
cima da porta*

Na Praça de Martim Moniz foi construída uma fonte, onde se lê (fig. 8):

Fidalgo e capitão do exército de Afonso Henriques, autor de feitos notáveis na Batalha de Ourique, teve acção preponderante na conquista de Lisboa em 1147. Segundo a lenda, ter-se-á atravessado numa das portas e com a ajuda do machado, terá permitido aos companheiros a entrada no castelo. Trespasado pelas lanças mouriscas, morreu por Lisboa cristã.



fig.8: Fonte da Praça de Martim Moniz

Os Corvos de S. Vicente

Na época do imperador romano Diocleciano um diácono de Saragoça, de nome Vicente, foi torturado e morto, por volta do ano 304, por se ter recusado a abjurar a doutrina cristã. Veio a ser sepultado em Valência. Mais tarde, aquando da conquista árabe, os cristãos de Valência quiseram pôr a salvo dos mouros o corpo do mártir. Embarcaram numa galera a caminho das Astúrias, mas, para se esconderem dos piratas, refugiaram-se na costa do Algarve, onde acabaram por ficar. Construíram uma igreja e esconderam o corpo do santo perto do local onde é hoje o Cabo de S. Vicente.

Foram, entretanto, capturados pelos mouros. Mas a partir dessa altura começaram a espalhar-se notícias dos milagres do santo. A fama de santidade do local cresceu de tal forma, que veio a rivalizar com a de Santiago de Compostela, por alturas do séc. VIII. É possível que este culto também estivesse na origem da designação “Promontório Sagrado”, que veio a evoluir para o nome de Sagres.

Muitos anos mais tarde, D. Afonso Henriques foi surpreendido pela presença de alguns cristãos num grupo de prisioneiros muçulmanos e veio então a tomar conhecimento da história do corpo do mártir. Procurou resgatá-lo, mas não sabia a localização do sepulcro. Os seus homens viram nessa altura um grupo de corvos sobrevoando um local. Escavaram nesse sítio e encontraram-no escondido na rocha. Foi então transportado para Lisboa numa barca de cavaleiros Templários e durante toda a viagem dois corvos sobrevoaram o barco. Também reza a lenda que a barca não foi governada por mãos humanas, mas levada por forças divinas. Os restos mortais do santo foram levados para a Sé e as suas relíquias fazem hoje parte do tesouro da Sé (fig.9).

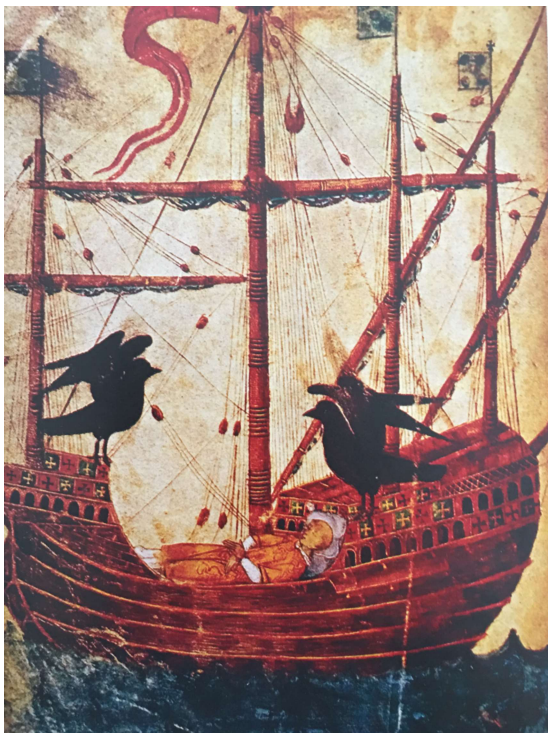


fig. 9: Iluminura do Livro do Regimento dos Vereadores e Oficiais da Câmara, 1502, in Marina Tavares Dias, Mistérios de Lisboa, 2011



fig. 10: Imagem setecentista de S. Vicente

A partir de então S. Vicente tornou-se o padroeiro de Lisboa e a nau com os dois corvos o emblema da cidade (fig.10). Durante muitos anos havia corvos a esvoaçar por entre os claustros da Sé, mais tarde foram desviados para o Castelo de S. Jorge e acabaram por desaparecer (fig.11¹)



Fig. 11: Figura de Lisboa, por Francisco de Holanda



fig. 12: A caravela na calçada lisboeta



fig. 13 Baixo-relevo na R. das Farinhas, freguesia de S. Cristóvão



fig. 13: Candeeiro de rua



fig.14: Placa da EPAL

¹ Francisco de Holanda (1517/1585) foi humanista, arquitecto, escultor, desenhador, iluminador e pintor. Também foi ensaísta, crítico de arte e historiador. Foi considerado um dos mais importantes vultos do Renascimento em Portugal.

Em 2018 estive em Lisboa, no Museu de Arte Popular, uma exposição do artista holandês M. C. Escher, que tive a ocasião de visitar. Escher tornou-se conhecido por representações de construções geométricas impossíveis, por criar ilusões de óptica e pelas explorações do infinito.

Também pelas metamorfoses de padrões geométricos entrecruzados que se transformam gradualmente em formas completamente diferentes, sem se sobreporem ou deixar espaços - tesselação (do inglês tessellation). É uma aplicação genial da matemática ao design, sem que Escher tenha tido, no entanto grandes conhecimentos teóricos de matemática.

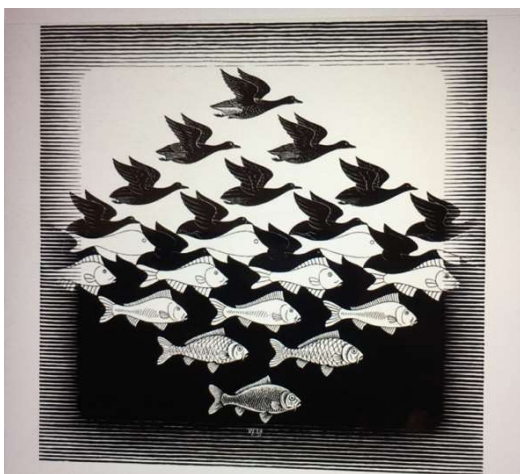


fig. 15: Desenho de Escher

Mas o que tem Escher a ver com S. Vicente?

Escher viveu entre 1898 e 1972. No início da sua carreira de designer, dedicava-se sobretudo à xilogravura. Pois bem, de repente, na primeira parte da exposição de Lisboa, surge uma xilogravura de 1925 (fig.16), representando S. Vicente no túmulo, numa falésia, protegido por um enorme corvo. Desconhece-se a localização desta falésia, mas aparentemente o túmulo está num local escondido.

Sabe-se que o artista viajou nessa altura por Itália e Espanha. Terá, aliás, sido influenciado na evolução da sua técnica de pintura pelos mosaicos árabes. Não há referência de que tenha andado pelo Algarve, mas quem sabe?



fig. 16: Xilogravura de Escher, 1925

A propósito de S. Vicente e dos seus corvos escreveu José Cardoso Pires um saboroso texto no seu Lisboa - Livro de Bordo (1997, p. 26):

Falando de santos cumpre falar de S. Vicente que está na Sé e que só viu Lisboa com os olhos de morto. Dever é dever, e este mártir, apesar de muito espanhol, até ficou ligado ao brasão do nosso Município por causa de certas fábulas do destino.

São Vicente, está provado, entrou no Tejo em cadáver navegante sob a guarda de dois corvos. Já ressequido e mirrado, acrescente-se. Já relíquia de sacrário, boca roída, dentes de fora. Chegou nessa figura e, embora santo, não teve uma palavra para a cidade que o recebeu. Sem um obrigado nem um Dominus tecum, recolheu à catedral como quem recolhe a uma fortaleza e, deserto, todo com ele, ficou-se a deixar correr os séculos por cima do seu cadáver.

Os corvos não. Os corvos, depois duma viagem tão vigilante, mal se apanharam em terra puseram-se aos pulinhos para desentorpecer e, metendo por becos e travessas, entraram logo em convivência. Dentro em pouco já se tinham multiplicado em legiões de pássaros de taberna que eram um gosto de apreciar.....Irónicos e sabedores, os corvos lisboetas eram figuras dotadas de sentido de vizinhança e de instinto popular. Andaram séculos pelas tascas, as tascas foram a escola onde aprenderam os homens e o dia-a-dia local.....Vicentes, assim é que a gente lhes chamava.....Hoje conhecemos os corvos do brasão municipal e é se queremos. Os verdadeiros levaram sumiço e só de longe em longe nos aparece ainda algum, exilado fora de portas. É o último, pensamos. Já não há tabernas, todos os outros desertaram para não se sabe onde.

Terão ido por esses mares à procura de cadáveres navegantes?”



Fig.17: Corbeau, Júlio Pomar, 1981

Santo António



fig.18: Imagem de Santo António

Santo António nasceu em Lisboa, perto da Sé, nos finais do séc. XII, com o nome de Fernando de Bulhões. Educado para ser cavaleiro, preferiu ingressar na ordem dos Agostinhos, no Convento de S. Vicente de Fora. Posteriormente aprofundou os estudos de teologia em Coimbra, no Convento de Santa Cruz, onde também consolidou uma vasta cultura literária clássica e científica.

Entretanto conheceu um grupo de missionários franciscanos e sentiu-se tocado pelo seu espírito de simplicidade, idealismo e fraternidade, o que o levou a abandonar a sua ordem e a tornar-se franciscano, adoptando o nome de António, em honra de Santo Antão.

Depois de um massacre de cristãos em Marrocos, aí se dirige com o objectivo de converter os infiéis. Tendo entretanto adoecido, volta para Lisboa, mas por causa de uma tempestade o barco vai parar às costas da Sicília, onde acaba por ficar e dedicar-se à oração.

Deslocando-se a Assis, vem a conhecer S. Francisco de Assis, acontecimento muito importante no seu percurso.

Um dia, substituiu um pregador e assim revelou as suas capacidades. O conhecimento das escrituras e os dotes excepcionais de pregador, além da bondade e da facilidade em se aproximar das pessoas tornam-no famoso e em breve lhe atribuem vários milagres. Terá sido, por sugestão de S. Francisco de Assis, mestre de teologia em Bolonha e noutras cidades.

Morre perto de Pádua em 13 de Junho de 1231 e menos de um ano depois é canonizado pelo papa Gregório XI. É uma das canonizações mais rápidas da história da igreja, talvez porque foi uma das figuras mais respeitadas da Igreja Católica do seu tempo.

A fama dos seus milagres expandiu-se rapidamente, sendo um dos mais conhecidos o episódio do sermão aos peixes, em que estes se teriam reunido a seus pés para escutar uma das suas pregações.

Um outro milagre famoso foi a aparição do Menino Jesus ao santo durante uma oração, o que determinou a forma como é habitualmente representado.

Os seus restos mortais repousam desde 1263 na Basílica de Santo António de Pádua, construída em sua homenagem e para onde o seu corpo foi trasladado. Diz-se que, quando o túmulo foi aberto para a transladação, a sua língua estava incorrupta. S. Boaventura, que estava presente, afirmou que o milagre era a prova de que a sua pregação era inspirada por Deus.

Segundo José Geraldês Freire, um dos seus estudiosos, terão sobrevivido alguns dos seus sermões, publicados sob o título *Sermões Dominicais e Festivos*.

Nas palavras de outro estudioso, José Antunes:

Santo António de Lisboa, embora muito festejado e venerado como santo pelo povo, é menos conhecido como um homem de cultura literária invulgar e como um verdadeiro intelectual da Idade Média. Reveladora dessa cultura ímpar é a sua obra escrita, cheia de beleza e densidade de pensamento, como nos testemunham os seus Sermões, autênticos tesouros da literatura e da história.

Em Lisboa tornou-se rapidamente o santo mais popular e adquiriu a fama de casamenteiro. Na origem dessa fama estaria a história que conta que uma rapariga pobre se queria casar, mas a família não tinha dote para a família do noivo, como era costume. Terá pedido auxílio a Santo António, que lhe recomendou que rezasse. Em segredo o santo juntou as dádivas dos fiéis e, em vez de as distribuir pelos pobres, meteu-as numa bolsa e deixou-as no quarto da rapariga, com o recado de que era para o dote da noiva.

Outra história, do séc. XVII, conta que outra mulher, que não conseguia casar-se, resolveu atirar a imagem do santo pela janela. Esta foi cair na cabeça de um soldado. A mulher tratou dele e a história acabou em casamento.

Hoje perpetua-se esta tradição através da instituição dos casamentos de Santo António, destinados aos casais que não têm posses para se casar.

Na tradição lisboeta o santo está de tal modo próximo da vida dos habitantes, melhor, das habitantes, que, quando não conseguem os seus favores, castigam-no. Viram-no para a parede, cortam-lhe a cabeça. Talvez por isso, nas escavações feitas em Lisboa, aparecem de vez em quando, imagens do santo sem cabeça.

Outra crença é a de que a igreja de Santo António, bem como a cripta onde se julga que era a sua casa, sobreviveram ao terramoto, graças a mais um milagre do santo (fig.19).



fig. 19: A cripta da igreja de Santo António, onde ficaria a casa onde nasceu



fig.20: Lápide na igreja em memória do milagre

Na igreja foi colocada uma lápide evocativa, com o seguinte texto (fig.20):

Para memória do prodígio que nos gerara incêndios que no terramoto de 1755 abrazou com este templo todos os edifícios a ele adjacentes. Ficou ileso com a capela mor o lugar do nascimento do glorioso S. António reinando El Rey Dom José o I.A.I.P. Paulo de Carvalho Mendonça provedor desta casa mandou erigir este padrão e abrir os alicerces do corpo da igreja em 25 de Agosto de 1767.

E ainda... Estando o santo a pregar em Pádua, intuiu que o pai estava em perigo. Tinha sido injustamente condenado à forca, por um homicídio que não cometera. O filho apareceu em Lisboa, livrou o pai da forca e repôs a verdade dos factos. Depois voltou num instante para Pádua para acabar o sermão. Será essa a origem do dito “Parece que vai salvar o pai da forca”?

Santo António é celebrado em muitos locais do mundo inteiro, especialmente em Itália e no Brasil. Os seus conhecimentos e eloquência aliados à simplicidade e humanidade estarão sem dúvida na base da sua enorme popularidade.

Em Lisboa é venerado como santo milagreiro e casamenteiro, protector dos animais e advogado das causas perdidas, protector do lar e da família. Tem honras de festa e feriado municipal, de marchas populares, de sardinha assada e pimentos, e de manjerico com cravo de papel e quadra de namorados (figs.21, 22).

E apesar de S. Vicente ser o santo padroeiro oficial da cidade, no coração dos lisboetas esse lugar pertence a Santo António.



fig.21: Trono de Santo António



fig.22: Um Santo António de José Franco

São Jorge e o Dragão



fig. 23: S. Jorge e o dragão, pintura de Rafael

Apesar de todas as dúvidas que envolvem a figura de S. Jorge, inclusivamente quanto à sua existência, ele é um dos santos mais venerados no mundo inteiro.

S. Jorge terá nascido na Capadócia. Foi educado na fé cristã por sua mãe, originária de Lida, na Palestina. Na adolescência entrou para a carreira das armas, chegou a tribuno militar e conde e veio mesmo a integrar a guarda pessoal do imperador Diocleciano, por volta de 300 d.c. Aquando do falecimento da mãe, distribuiu toda a herança pelos pobres.

Quando o imperador descobriu que ele era cristão, mandou torturá-lo repetidamente. Como ele nunca abjurou a sua fé, veio a ser degolado no dia 23 de Abril de 303.

Durante o tempo do martírio, que terá durado sete anos, vários companheiros seus se terão convertido ao cristianismo, e inclusivamente a própria mulher do imperador.

O seu culto espalhou-se rapidamente. Os seus restos mortais foram transportados para Lida, onde o imperador Constantino mandou mais tarde erigir uma igreja.

No séc. V a celebração de S. Jorge foi considerada opcional por um papa, por não se lhe conhecerem milagres e por ser o conhecimento da sua vida rodeado de incertezas e baseado em documentos lendários e apócrifos.

Este culto adquiriu ainda maior relevância durante as cruzadas, em Inglaterra talvez por influência do rei Ricardo Coração-de-Leão, possivelmente devido às características de guerreiro corajoso e devoto do santo.

Em Portugal o culto terá sido introduzido pelos cruzados ingleses que participaram na conquista de Lisboa. No reinado de Afonso IV instituiu-se como grito de guerra “S. Jorge!”, em vez de “Santiago!”, usado até aí. D. João I deu o seu nome ao castelo de Lisboa. D. Filipa de Lencastre foi também ela devota do santo.

Nuno Álvares Pereira venerava-o e mandou erigir a capela de S. Jorge no lugar de Aljubarrota. Parece que foi graças à intervenção do santo que os portugueses venceram a batalha...

Baladas medievais falam de S. Jorge como um cavaleiro medieval que terá participado nas cruzadas e que na Líbia pôs fim a uma maldição, segundo a qual uma donzela era regularmente sacrificada, sendo entregue a um dragão local, para o impedir de destruir a cidade. S. Jorge matou o dragão com a sua espada, salvou uma princesa de ser sacrificada e alguns relatos dizem que casou com ela.

Afinal o dragão seria o demónio que simbolizaria a idolatria destruída pelas armas da fé.

O culto de S. Jorge viria a espalhar-se pelo mundo inteiro, sendo importante em vários países, como Inglaterra, Portugal, Etiópia, Brasil, onde é, por exemplo, o padroeiro do clube de futebol Corinthians.

S. Jorge foi representado por vários pintores, como Paolo Ucello, Martorell, Crivelli, Bellini, Rafael, Ticiano, Tintoretto, Veronese, Rubens, Delacroix, Dante Gabriel Rossetti (que pintou o casamento de S. Jorge com a princesa Sabra, a tal que ele salvou do dragão), Moreau, entre outros.

A paróquia de S. Jorge em Lisboa data de 1168, embora o santo já fosse venerado antes em diversas igrejas. A sua primeira igreja ficava perto da Sé e foi destruída pelo terramoto. Durante vários anos a imagem e o culto passaram por várias ermidas e só em 1829 foi inaugurada uma igreja paroquial em S. Jorge de Arroios. Esta igreja foi demolida no início dos anos 70 e foi construída uma nova igreja em 1972.

À entrada do Castelo de S. Jorge existe uma imagem do santo de armadura e cota de malha, à semelhança dos cruzados de 1147 (fig.24).

Durante muitos anos realizou-se a procissão de S. Jorge, na qual a imagem do santo era levada num andor. Também se vestia um figurante, escolhido entre os homens mais fortes, com uma pesada armadura de ferro, que só podia ser envergada e despida com a ajuda de ferreiros. Era o “homem de ferro”, a cuja passagem o povo se persignava e a quem atirava pétalas de flores.

S. Jorge, S. Vicente e Santo António são ainda hoje os três santos da cidade.



fig.24: S. Jorge no Castelo do seu nome

Lenda da Luz

Conta-se que havia um homem, de nome Pero Martins, natural de Carnide, com a profissão de moedeiro, que, depois de ter trabalhado alguns anos no Algarve, veio a ser preso numa razia de piratas e enviado para o norte de África, onde foi posto a ferros. Todos os dias rezava à Virgem, para que o tirasse daquela aflição e todas as noites Nossa Senhora lhe aparecia, envolta num resplendor radioso, prometendo-lhe que o livraria do cárcere e pedindo-lhe que em troca lhe construísse uma ermida em Carnide, no sítio onde encontrasse uma imagem sua.

Entretanto em Carnide andava a população muito admirada com as aparições de uma luz intensa junto de uma antiga fonte, a Fonte do Machado.

Ao fim de 30 noites de sonhar com a Senhora, Pero Martins encontrou-se milagrosamente em sua casa, ainda com grilhetas e tudo e soube, pela mulher, dos fenómenos luminosos. Ao princípio guardou segredo do que lhe tinha acontecido, mas acabou por contar à família. Foram então de noite ao sítio onde se viam as luzes e encontraram, escondida pelo mato, uma imagem da Virgem, junto de uma fonte, a Fonte do Machado ou da Machada. Colocaram-na numa espécie de altar, mas a fama da Senhora começou a espalhar-se, fazendo acorrer muitos peregrinos, cujas esmolas em breve foram suficientes para a construção de uma ermida. Isto terá sucedido por volta de 1463. A partir daí sucederam-se os milagres (parece que a água da fonte curava males de rins) e nunca mais deixou de fazer-se a romaria da Senhora da Luz.



fig. 25: A fonte no exterior da igreja

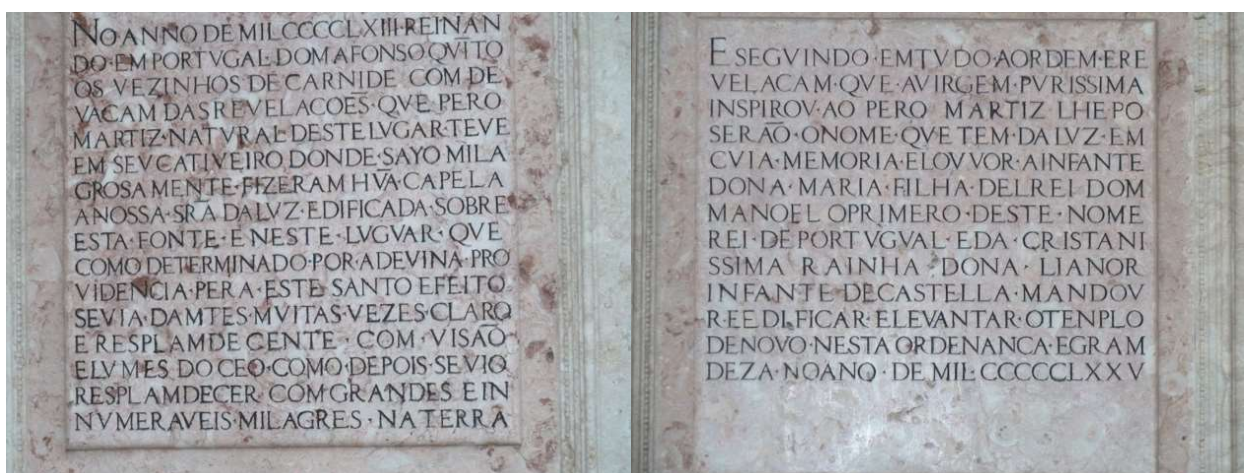


fig. 26 e 27: Placas evocativas da história do milagre e da igreja

A romaria da Luz era muito concorrida e chegou a receber o Sírrio da Senhora do Cabo, que já vinha regularmente à ermida do Espírito Santo desde 1437. O culto do Espírito Santo era anterior e foi absorvido pelo novo culto. Numa área essencialmente rural a festa religiosa e a feira passaram a realizar-se em Setembro, na altura das colheitas.

Das festas fazia parte a realização de uma procissão, em que a imagem de Nossa Senhora era levada numa berlinda real, acompanhada por dois coches, onde seguiam os reis.

A infanta D. Maria, filha de D. Manuel, tornou-se devota desta Virgem e mandou erigir no local uma igreja monumental e depois um convento. D. Maria jaz na capela-mor, num mausoléu de mármore.



fig. 28: Igreja de Nossa Senhora da Luz na actualidade



fig.29: Fachada actual do convento, que faz parte das instalações do Colégio Militar

Para dar apoio aos muitos peregrinos que acudiam ao local, foi construído um hospital, entregue à Ordem de Cristo, que é hoje o Colégio Militar (figs. 30, 31).



fig. 30: O antigo hospital



fig.31: O Colégio Militar

A igreja, arrasada juntamente com o convento pelo terramoto de 1755, que poupou a capela-mor e o transepto, foi considerada um dos mais relevantes exemplos da arquitectura maneirista em Portugal. Em 1870 foi construída a actual fachada e restaurado o interior.

Da primitiva ermida resta o portal manuelino junto da entrada da gruta onde brotava a fonte, situada por baixo do altar-mor (fig.32).

A Feira da Luz foi assumindo progressivamente maior importância e foi-se ampliando, desde as iniciais barracas de comes e bebes e venda de objectos religiosos. Surgiram vendedores de louça, de cestos, de fruta, negociantes de gado. Começaram a realizar-se corridas de bicicleta, jogos, fantoches, teatro de rua. Havia petiscos famosos, como as farturas.



fig. 32: Portal manuelino no acesso interior à fonte

Aristocratas e figuras da boémia lisboeta frequentavam a feira, como o conde de Vimioso, que se fazia acompanhar pela Severa.



fig. 33: A Feira da Luz em 1903, fotógrafo não identificado

A feira foi sendo prolongada, até que em 1929, com o estabelecimento da linha de eléctrico que ligava os Restauradores a Carnide, passou a durar quase todo o mês de Setembro. Ainda hoje se realiza com este calendário (fig, 34).



fig. 34: A Feira da Luz na actualidade

As obras de Santa Engrácia

Santa Engrácia de Saragoça era uma virgem mártir cristã do séc. III. Nascida em Bracara Augusta, Braga, fora prometida em casamento a um nobre do sul de França. Na viagem foi acompanhada por seu tio Lupércio e mais dezoito cavaleiros. Quando chegou a César Augusta, Saragoça, tomou conhecimento das atrocidades cometidas contra os cristãos pelo governador da cidade, Daciano, por ordem do imperador Diocleciano. Ao tentar confrontá-lo com a sua crueldade, ela própria e os seus companheiros se tornaram vítimas de torturas.

Diz-se que foi açoitada, depois arrastada por um cavalo e o corpo perfurado com pregos. Os companheiros foram degolados nos arredores da cidade. Foram “Os Mártires de Saragoça”.



fig. 35: Imagem de Santa Engrácia

Em 781 os monges de Nossa Senhora do Pilar esconderam numa fossa os restos mortais de Santa Engrácia e dos companheiros, para os protegerem dos muçulmanos. Aí foram descobertos em 1589, aquando de obras na igreja.

Foi a infanta D. Maria, filha de D. Manuel, que mandou construir em Lisboa a igreja de Santa Engrácia, para albergar as relíquias da santa.



fig. 36: gravura de Santa Engrácia

Diz-se que a construção desta igreja teria sido amaldiçoada por causa de um amor impossível. Violante, filha de um fidalgo, apaixonou-se por um cristão-novo, Simão Solis. Em consequência o pai da jovem encerrou-a no convento de Santa Clara. Simão cavalgava todas as noites até ao convento, para visitar a sua amada. Certo dia propôs-lhe que fugissem e deu-lhe uma noite para se decidir. Nessa noite foi roubado o relicário da igreja de Santa Engrácia e Simão foi preso e acusado do roubo. Ele declarou-se inocente, mas não revelou a razão por que frequentava o local todas as noites, para não comprometer a amada.

A sua situação foi agravada pela sua ascendência judaica e Simão foi condenado à fogueira. Quando as labaredas o envolveram, lançou uma maldição: “É tão certo morrer inocente como as obras nunca mais acabarem!”

Anos mais tarde, Violante foi chamada à cabeceira de um moribundo, que lhe confessou ter sido ele o ladrão e ter incriminado Simão. Apesar de todo o sofrimento, Violante perdoou-lhe. Existem realmente referências nos registos da paróquia ao “Desacato de Santa Engrácia”, ocorrido na noite de 15 de Janeiro de 1630 e há notícia de que um tal Simão Solis teria sido condenado à morte.



fig. 37: A igreja inacabada

A construção da igreja começou em 1568, no local de um antigo templo do séc. XII, por ordem de D. Maria, para receber o relicário de Santa Engrácia, mas só foi concluída 400 anos mais tarde, nos anos 60 do séc. XX, já como Panteão Nacional.



fig. 38: Imagem da Santa na fachada da igreja, colocada em 1966

Incêndios, derrocadas, terramotos e escassez de meios terão estado entre as razões da demora. E pelo meio teve mesmo outras funções que não a de templo. Nos finais do séc. XIX, inícios do séc. XX foi depósito de armamento do Arsenal do Exército e fábrica de calçado militar.

Mas cumpriu-se assim a maldição do malogrado Simão Solis.



fig. 39: O actual Panteão, fotografia não identificado

É considerado o primeiro monumento barroco no país e coroado por um zimbório gigante de betão de construção moderna.

Alberga os túmulos dos presidentes Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, Sidónio Pais e Óscar Carmona, de Humberto Delgado, de Almeida Garrett, Aquilino Ribeiro, Guerra Junqueiro, João de Deus e Sophia de Mello Breyner e de Amália Rodrigues e Eusébio.

Tem ainda cinco túmulos vazios, considerados túmulos de homenagem: os de Camões, Infante D. Henrique, Afonso de Albuquerque, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral.

Lendas da Penha de França

Um monge, que há quem diga que era francês, terá encontrado no alto de uma serra castelhana, próximo de Salamanca, uma imagem da Virgem Maria, que ali fora enterrada aquando das primeiras lutas cristãs. Quando morreu, entregou a Senhora da Penha aos frades de S. Domingos. Terão sido estes que a trouxeram para Lisboa? Não se sabe ao certo.

Conta-se que um escultor que acompanhara D. Sebastião, terá escapado à morte, por ter invocado a Senhora da Penha durante a batalha de Alcácer-Quibir. Como retribuição da graça recebida, prometeu à Senhora que lhe mandaria fazer várias imagens. Assim fez quando regressou. Uma dessas imagens terá ficado guardada na Ermida da Vitória, na Baixa. Entretanto o escultor resolveu mandar construir uma igreja em sua honra num terreno de sua propriedade chamado Cabeça de Alperche. Mas, ainda antes da construção, ali colocou um estandarte com a imagem da Senhora. O estandarte resplandecia em plena escuridão, o que deu origem ao culto de Nossa Senhora da Penha.

Nesse local foi iniciada a construção de um templo nos finais de séc. XVI, em 1597. O monte onde a igreja foi construída passou a ser designado Penha de França, em lembrança do monge que encontrara a imagem e do penhasco onde a encontrara (fig. 40).

Também reza a lenda que foi neste mesmo monte que Ulisses se tomou de amores por Ofiúsa, a rainha das serpentes...



fig. 40: Igreja da Penha de França, desenho de Barbosa de Lima

Uma outra lenda se conta: um peregrino teria adormecido na encosta da Penha e teria aparecido um lagarto enorme, do tamanho de um jacaré, que só não o devorou, porque a Senhora o salvou. Outra versão diz que o peregrino ia ser atacado por uma cobra e a Senhora enviou o lagarto para o salvar.



fig. 41: imagem da Senhora da Penha

O que é certo é que em 1739 já existia uma capela do lagarto. Um grande lagarto terá sido morto, embalsamado e pendurado na parede da igreja. Mas terá apodrecido e sido substituído por um lagarto de madeira. Os restos da carcaça terão sido moídos num almofariz, considerados remédio infalível para todas as doenças.

Ainda lá está o lagarto ou um seu herdeiro e também uma cobra. E a sacristia era outrora a “Casa dos Milagres”, onde está exposta uma significativa colecção de ex-votos, na sua maioria de navegantes devotos.



fig. 42: O lagarto



fig. 43: A cobra

Quando a peste atingiu Lisboa, a população da zona oriental ia em procissão pedir auxílio à Senhora da Penha. O Senado deliberou erigir uma capela definitiva, se ela acabasse com a peste. Os próprios membros do Senado participaram, descalços, na procissão. Todos os que iam na procissão iam batendo nos ferrolhos das portas, a chamar toda a gente para acompanhar a procissão. Assim nasceu a Procissão do Ferrolho, que se realizava sempre de noite e com muito barulho.

O milagre realizou-se, a peste acabou, mas a procissão continuou a fazer-se até 1856. Era um dos mais coloridos acontecimentos lisboetas, que não deixava ninguém dormir, com toda a miudagem do bairro a bater a cada porta e a gritar: “Vem a passar a Senhora! Vem a passar a Senhora!”



fig.44: estampa de Senhora da Penha

Foi construído um novo santuário, que veio a ser destruído pelo terramoto. Estava a ser celebrada missa de Todos-os-Santos e mais de 300 pessoas ficaram soterradas.

A igreja viria a ser reconstruída, ficando concluída em 1788, por empenho de D. Pedro de Menezes, 4º Marquês de Marialva e dos mareantes da nau Nossa Senhora da Ajuda. Esta nau tinha naufragado, atingida por um temporal e os tripulantes que se salvaram prometeram ir em penitência ao Santuário da Penha de França, além de contribuírem generosamente para as obras de restauro da igreja. Existe um ex-voto alusivo ao milagre, actualmente no Museu da Marinha.



fig. 45: A igreja e o largo, desenho de Roque Gameiro

A igreja tornou-se nos nossos dias igreja paroquial e foi classificada como Monumento de Interesse Público.



fig. 46: A igreja de Nossa Senhora da Penha de França na actualidade, fotografia não identificado

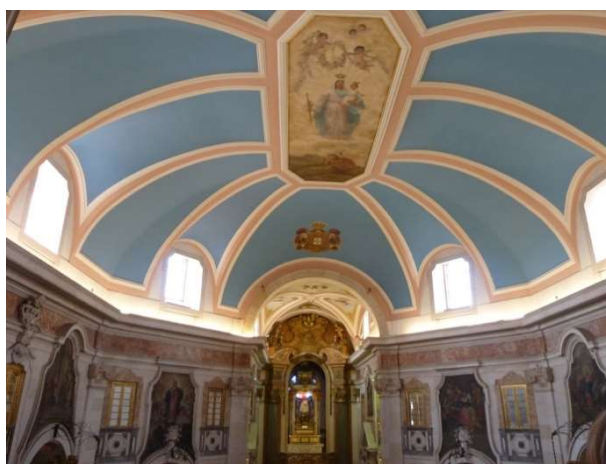


fig. 47: Interior da igreja



fig.48: Mural ilustrando a lenda do lagarto

A cadeira de S. Gens

S. Gens foi um dos primeiros bispos cristãos de Lisboa, ainda durante o domínio romano. Morto pelos romanos, tornou-se mártir. Envolto em lenda, é dado como sendo o sétimo bispo cristão de Olisipo, por volta do ano 300 e discípulo de um dos apóstolos ibéricos de Santiago Maior, que veio para a Hispânia pouco depois da crucificação de Jesus Cristo.

A sua imagem está actualmente na ermida de S. Gens ou da Senhora do Monte, situada no Monte de S. Gens, na Graça, num dos miradouros mais deslumbrantes de Lisboa.

Este local estaria tradicionalmente ligado ao martírio de primitivos cristãos pelos romanos, o que não é provavelmente alheio à localização da capela.

Esta foi fundada logo em 1147, após a conquista de Lisboa, por um grupo de frades eremitas Agostinhos e no seu interior foi colocada a cadeira de pedra que pertencera ao santo, onde ele se sentaria para pregar e que no seu tempo estaria na rua.

Em torno desta cadeira formou-se uma lenda, segundo a qual as mulheres grávidas que lá se sentassem teriam um parto bem sucedido (fig. 49). Diz-se que na origem da lenda estará o facto de a própria mãe do bispo ter morrido de parto aquando do seu nascimento.



fig. 49: Cadeira de S. Gens

No início do séc. XIII a capela foi melhorada por uma nobre dama, D. Susana, agradecida ao bispo pelo seu parto feliz. Esta crença difundiu-se rapidamente e o sítio foi consagrado a Nossa Senhora da Visitação do Monte.

A própria rainha D. Maria Ana de Áustria, mulher de D. João V, sentou-se na cadeira, quando estava grávida do rei D. José, o que pelos vistos deu resultado.

Após o terramoto de 1755 a ermida ficou praticamente destruída. A actual ermida foi construída em 1796 e dentro foi de novo colocada a cadeira de S. Gens.



fig. 50: Ermida da Senhora do Monte

A cadeira é um monólito de mármore polido e de forma ergonómica, desgastado pelo tempo e pelo uso... Com efeito ainda há nos dias de hoje mulheres grávidas que vão sentar-se na cadeira, na esperança de que o santo lhes conceda uma hora pequenina.

O nome do santo está em conformidade com o uso que foi dado à cadeira. Gens é a contracção da palavra *Génesis*, que significa origem. S. Gens é um santo solsticial, ligado também à agricultura e aos ciclos produtivos, aproximando o significado da cadeira dos rituais de fecundidade neolíticos, associados a dolmens e menhires pré-históricos.

A Senhora do Monte, pelo seu atributo de Visitação, associa-se à figura pagã, mas não profana, da deusa-mãe primordial na sua função geradora.

Os Santos Mártires de Lisboa

Conta a lenda que três irmãos cristãos, Máxima, Veríssimo e Júlia, viviam em Roma, no tempo do imperador Diocleciano, época de grandes perseguições aos cristãos, quando lhes apareceu um anjo que lhes disse que fossem para Portugal, onde “alcançariam a coroa do martírio que com tanta ânsia procuravam”.

Eles assim fizeram e, chegados a Olisipo, foram levados perante o representante do imperador, Tarquínio, diante do qual defenderam a sua fé cristã.

Tarquínio manda que sejam submetidos a vários castigos, entre os quais o açoitamento com “varas ásperas e cheias de espinhos” e o arrastamento pela cidade. Como tudo suportaram, foram a seguir transportados num barco até ao meio do rio e aí lançados à água com pesadas pedras presas ao pescoço.

Foi então que se deu o primeiro milagre. Ainda antes do regresso do barco que os levara, os seus corpos voltaram à margem. Terão sido recolhidos por cristãos eremitas que os sepultaram numa ermida perto da praia onde apareceram e a que se deu o nome de Santos. Diz-se que durante muito tempo apareceram na praia seixos manchados de sangue e com a cruz de Santiago gravada.

O cruzado Osberno refere-se aos três irmãos mártires no seu relato da reconquista de Lisboa aos mouros.

Em 1194 D. Afonso Henriques fundou a igreja de Santos-o-Velho, diz-se que por mercê de sua filha D. Sancha, também santificada, que terá sido conduzida pela mão de um anjo e aqui terá achado as relíquias dos três mártires, que exalavam um perfume muito agradável. Terá sido esta a origem da expressão “cheiro de santidade”?



fig.51: Baixo relevo representando os três irmãos mártires na igreja de Santos-o-Velho

Em 1290 D. Sancho II ampliou a igreja e fundou um convento que foi entregue à Ordem de Santiago. O convento passou a ser ocupado pelas mulheres, filhas e viúvas dos monges-cavaleiros de Santiago, que elegiam prelada com o nome de comendadeira ou dona, dando origem às Comendadeiras de Santos.

Tendo sido transferidas para Coimbra, regressaram de novo a Santos.

Em 1470 D. João II mandou construir um outro convento, maior, em Xabregas, que passou a chamar-se Santos-o-Novo e para onde as Comendadeiras foram transferidas em 1490, levando em procissão as relíquias dos santos numa urna dourada, que veio a ficar numa ermida dedicada a Nossa Senhora do Paraíso.

Esta ermida, situada entre o Convento de Xabregas e o Mosteiro de Santa Clara, veio a ser vendida, demolido o seu interior e o que dela restava integrado no edifício do Hospital da Marinha.

E as relíquias dos Santos Mártires? Diz-se “o bom filho a casa torna” e que estarão novamente na igreja de Santos-o-Velho, que foi objecto de reconstruções nos sécs. XVII e XIX. Junto da capela dos Santos Mártires estão três grandes pedras que serão as que foram penduradas nos santos.

De referência importante é uma obra intitulada Políptico dos Santos Mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, conjunto de pinturas a óleo, datadas de cerca de 1530 e atribuídas ao pintor Garcia Fernandes. Terão pertencido ao retábulo do Mosteiro das Comendadeiras da Ordem de Santiago, no Mosteiro de Santos-o-Novo, em cujas paredes existem também painéis de azulejos que narram a vida destes santos.

Das pinturas do Políptico conhecem-se quatro painéis, que se encontram actualmente no Museu Carlos Machado em Ponta Delgada. Adquiridas num leilão em 1921 pelo industrial açoreano Vasco Bensaúde, os seus herdeiros vieram a doá-las ao Museu.

Os quatro painéis retratam passagens da vida dos mártires:

- Anunciação do Martírio
- Desembarque em Lisboa
- Flagelação
- Morte por arrastamento

Na *Anunciação do Martírio* os três irmãos recebem do anjo o anúncio da viagem para Lisboa. A imagem em fundo é de Roma, podendo identificar-se monumentos romanos como o Castelo Sant’ Angelo.

No *Desembarque em Lisboa* há curiosos pormenores representativos da época. As figuras estão vestidas com os trajes próprios da nobreza do séc. XVI e vê-se em fundo o Paço da Ribeira, no Terreiro do Paço, residência de D. Manuel I, proporcionando uma rara imagem do local, anterior ao terramoto.



fig. 52: *Anunciação do Martírio*, Garcia Fernandes, Museu Carlos Machado



fig. 53: *Desembarque em Lisboa*, Garcia Fernandes, Museu Carlos Machado

Conclusão

As lendas de Lisboa não se ficam por aqui. As escolhidas são talvez as mais representativas da história da cidade e não é por acaso que apenas duas, a de Ulisses e a de Martim Moniz, não são relacionadas com santos.

Muitos mais santos e santas andam por aí na nomenclatura de igrejas, calçadas e ruas da cidade, atestando a religiosidade da população e a tradição católica do país.

Santa Luzia, Santa Apolónia, Santa Justa, Santa Quitéria, Santa Bárbara, Santa Catarina, Santa Marinha, São Cristóvão são alguns dos mártires homenageados na toponímia lisboeta, na maioria vítimas das perseguições aos cristãos durante o domínio romano.

Mas muitas destas histórias são reinterpretações de mitos e crenças pagãs, enraizadas em tradições milenares dos povos que ocuparam a Península.

Como podemos associar a pedra de São Gens aos antigos ritos de fertilidade, também a luz da Senhora que apareceu a Pero Martins ou a luz dos olhos de Santa Luzia pode ser associada às antigas deusas portadoras da luz e da sabedoria.

E a aura mística dos lugares elevados, dando muitas vezes origem à construção de templos, mais não é do que a manifestação do impulso de aproximação dos mortais aos deuses, presente nas religiões de todos os tempos.